

Medicalização da infância e da adolescência: que caminho é esse?

Mônica Hage

Tomemos dois textos com um intervalo de um século. O texto de Freud, “*Prefácio à juventude desorientada de Aichorn*”, que em 1925 dizia que a educação era uma tarefa impossível, sempre deixava restos, já que não se domestica a pulsão. E o texto de Miller, “*Em direção à adolescência*”, de 2015, onde ele nos fala de uma autoerótica do saber. Quer seja a impossibilidade de domesticar a pulsão, ou o fato de que hoje “o saber está no bolso” pois “não é mais o objeto do Outro”, o que há de comum nesses dois momentos, ainda que temporalmente tão distantes, é que ambos apontam para o fato inexorável de que existe um saber inconsciente incapaz de ser medido e controlado pelas técnicas de adestramento dos sujeitos.

Mas, por que o mundo contemporâneo vive tamanho *empuxo* ao controle?

Antes o saber era buscado no campo do Outro e a obediência era uma das formas para extraí-lo desse campo. Se a erótica do saber passava pela relação ao Outro (Miller, 2015), a autoerótica do saber poderia ser o reflexo da solidão dos novos tempos?

Conectado hoje à máquina/gadget que cada um tem literalmente no bolso, seja o celular, tablet, ipad, etc, todos parecem dispensar e poder prescindir do laço com o Outro. No entanto, precisamos estar advertidos de que a incidência do uso dos gadgets não é, por si só, uma incidência negativa. Depende, na verdade, do uso que se fará desses objetos que poderá ser, ou não, um uso “sintomático” permitindo, por exemplo, criar comunidades de experiência e assim produzir laços.

Por outro lado, não tendo mais que abrir mão de qualquer parcela de satisfação para obter o amor e o reconhecimento do Outro, o jovem *plugado*, faz Um com seu objeto, seguindo com um gozo autístico e solitário.

A questão que se coloca hoje é o que fazer com essas crianças e jovens que, não se sustentando mais de seus desejos, se vêm submetidos, sem nenhum anteparo, a um gozo feroz e avassalador impelindo-as a querer tudo, aqui e agora! Entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, as distâncias vão ficando cada vez mais imperceptíveis. Se não é mais necessário “domar” os instintos, como na época do Freud do Mal-estar na Civilização, é porque a sociedade atual os induziu a isso.

A hiperestimulação e a aceleração frenética de informações agora é causa e efeito da mesma questão. A mesma sociedade que superestimou as crianças, agora transforma em patologias os efeitos da sua aceleração.

Temos, então, de um lado uma sociedade do controle e do ideal de transparência, com seus instrumentos de avaliação cada vez mais especializados; e de outro, uma verdadeira psiquiatrização das emoções de cada momento da infância e da adolescência.

A Rede Pública de Assistência à Saúde tornou-se a parceira número um da Educação. De mãos dadas elas estabelecem uma rede de encaminhamento fácil e direto, onde um simples relatório do educador torna-se pasaporte precioso para adentrar um ambulatório psiquiátrico para crianças e jovens.

É nesse contexto que recebo Ana, uma menina de 10 anos, que adentra minha sala muito irritada com a sua avó. Com a fisionomia contrariada, Ana repete a mesma frase: “eu não quero; eu não quero!” Pergunto o que está se passando e a criança se prontifica logo a me responder que não quer estar ali, pois “esse é um lugar para malucos!” E faz questão de me dizer que ela não é maluca. Acolho a sua queixa e a sua reivindicação de um outro lugar, que não o de “maluca”. A irritabilidade de Ana é tão grande que havia acabado de sair do atendimento psiquiátrico com uma prescrição de Fluoxetina. E me diz: “é para o meu humor...”. A avó, senhora idosa, “cardíaca”, a quem restou o cuidado de três crianças, era de fato uma pessoa bastante irritadiça; falava alto, e ao

chegar para o atendimento movimentava toda a sala de espera. A queixa, por ela trazida, era de que a neta era uma menina que se irritava com muita facilidade, era muito agitada, e não conseguia aprender a ler e a escrever.

Nas semanas seguintes, Ana me fala repetidas vezes que não quer tomar a “pílula”. Segundo ela, a “pílula” a deixa sonolenta e gorda e “isso não está sendo legal” para ela. Ana não sabe ler, nem escrever, mas todo o nosso trabalho acontece através da escrita. A regra é sempre a mesma: ela fala e eu escrevo. Assim, construímos várias listas de coisas que ela gosta, e das quais não gosta (novelas, comidas, músicas, pessoas, etc). De vez em quando, enquanto faz a lista do que não gosta ela diz: “escreve aí, a pílula”. Como se quisesse sempre deixar isso alí registrado.

Observo que as listas têm um efeito apaziguador muito interessante. Elas parecem permitir a Ana separar e delimitar o que quer, do que ela não quer. Parecem produzir uma primeira secção de gozo. Assim, ela vai conseguindo também se separar do Outro, ao qual se encontrava tão submetida. A irritabilidade que parecia proveniente da dificuldade de separação do desejo do Outro vai, aos poucos, diminuindo.

Ana começa a frequentar a biblioteca da Instituição e um novo mundo para ela se abre. Fascinada, me diz que fica ansiosa para chegar o dia da sua sessão pois é também o dia de renovar as revistas que loca na biblioteca. Ela sabe que existem regras para isso e as cumpre rigorosamente, pois não quer deixar de poder levar as revistas para casa. Um lugar mais digno foi dado a essa garota. Da menina sempre mal humorada, teimosa e briguenta na escola, Ana agora começa a perceber que “as regras também podem servir para coisas boas”, como ela mesma faz questão de me dizer.

Se o gozo se sustenta por uma certa obediência do sujeito a uma ordem que o conduz, abandonando o que acontece com o seu desejo, podemos perceber no caso de Ana que o tratamento psicanalítico vem permitindo a ela conter os excessos do seu gozo e, aos poucos, condescender ao desejo. Desejo esse que vem se expressando nas pequenas coisas da sua vida.

Assim, percorrido mais de um século de quando Freud anunciou que o sintoma seria o “substituto de uma satisfação pulsional que não teve lugar”, e a despeito de todos os avanços da ciência, as crianças e jovens ainda se vêm desbussolados. Os chamados “transtornos”, muitas vezes, não passam de uma desregulação de ordem pulsional. Poder passar “de um querer gozar, para um querer dizer e um desejo de saber”, pode ser uma aposta possível, permitida por um tratamento analítico.

Referências:

FREUD, Sigmund. Prefácio à Juventude Desorientada de Aichorn. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Angústia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

LACADÉE, Phillipe. A bússola do sim e do não. CIEN-Digital, n.16. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/ciendigital/pdf/CIEN-Digital16.pdf>.

MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. Disponível em: <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direção-a-adolescencia/>.